

Escutamos hoje, na 1ª leitura, do Livro de Ezequiel, este grito: “Vós dizeis: não está certo o modo de agir do Senhor. Escutai então: não está certa a minha conduta ou é a vossa que não está certa?”

Para compreendermos este tão actual grito, é necessário enquadrá-lo no tempo. Ezequiel encontra-se no exílio. E, com ele, os israelitas que tinham sido deportados para a Babilónia. Lá longe, no desterro, com saudades da sua pátria, o tema das conversas gira ao redor das famílias, das terras, da lavoura, e brota inevitavelmente esta pergunta: como foi possível que se abatesse uma tão grande calamidade sobre nós? Quem é o verdadeiro culpado desta desgraça? E, muitos dos exilados respondem: a culpa é dos pecados dos nossos pais! Eles desviaram-se dos caminhos de Deus e o Altíssimo castigou-nos a nós!...

Ezequiel intervém então para condenar o modo de pensar do seu povo e lembrar-lhe que cada um é responsável pelas suas próprias acções. Mais ainda, ninguém paga pelos pecados dos seus antepassados.

À semelhança do povo de Deus no exílio de Babilónia, também nós caímos frequentemente na tentação de culpar os outros pelas desgraças que nos acontecem. Esquecemo-nos que cada um é responsável pelas suas acções. Veja-se, a título de exemplo:

- Aquele é alcoólico mas... já o pai dele assim era! Isto vem de trás!

- Aquela “costura para fora” mas... isto vem de trás! Já a mãe e as tias assim eram!

- Face à corrupção generalizada na nossa sociedade, nós exclamamos: isto está-nos no ADN... Já D. Afonso Henriques, o nosso primeiro rei, era corrupto!

- Estamos a assistir ao início das grandes transformações climáticas no planeta. Afirmam os estudiosos desta questão que na década de 2015 – 2025, assistiremos a fenómenos nunca vistos. E, diante das grandes catástrofes naturais que se começaram a abater sobre o planeta, quais são os comentários que ouvimos com frequência? “Esta é a vontade de Deus!”, ou então, “se Deus quer assim é porque nós não merecemos melhor!”

- Diante de crimes hediondos como aqueles que de há tempos a esta parte a comunicação social tem dado grande destaque, algumas seráficas e fervorosas almas, exclamam: “foi o destino! Já nasceu com este destino. Ao destino ninguém foge...” Ou seja, para expiar os pecados dos antepassados, o cruel deus Destino decretou que aquele que acabava de nascer morreria tragicamente!

Tudo isto é verdadeiramente assombroso!

Quando assim raciocinamos, estamos a enveredar por um caminho extremamente perigoso, que é este: convencermo-nos de que tudo terá que continuar a ser como é e, por isso, não nos devemos esforçar por mudar o que quer que seja porque, afinal, os responsáveis por tudo o que nos está a acontecer são os outros: os pais, os avós, os antepassados mais distantes, os governantes, os deputados, os juizes dos tribunais, Deus, o deus Destino...

Em jeito de conclusão, deixo para nossa reflexão as palavras da filósofa e escritora Alissa Zinovievna, que nasceu que nasceu em S. Petersburgo em 1905 e faleceu em Nova York em 1982. As suas palavras, proferidas em 1950, são duma grande actualidade. Escutemo-la:

“Quando te deres conta de que para produzir necessitas obter autorização de quem nada produz; quando te deres conta de que o dinheiro flui para o bolso daqueles que traficam não com bens, mas com favores; quando te deres conta de que muitos na tua sociedade enriquecem graças ao suborno e influências, e não ao trabalho, e que as leis do teu país não te protegem a ti, mas protegem-nos a eles contra ti; quando enfim descubras ainda que a corrupção é recompensada e a honradez se converte num auto-sacrifício, poderás afirmar, taxativamente, sem temor a equivocar-te, que a tua sociedade está condenada”.

E eu remato: essa sociedade não estará condenada por culpa dos nossos antepassados, mas sim por nossa culpa, porque nada fizemos para criarmos uma sociedade diferente. Porque não nos revoltamos. Porque permanecemos silenciosos diante de tão gritantes situações. Por isso, o poeta-pastor de Loulé, António Aleixo, afirmou:

*Que o mundo está mal, dizemos,
E vai de mal a pior;
E, afinal, nada fazemos
P’ra que ele seja melhor.*

Tinha, pois, razão Albert Einstein quando afirmava:

“O mundo é um lugar perigoso para se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer”.